

AURO DEL GIGLIO

INICIAÇÃO AO ESTUDO DA TORÁ



INICIAÇÃO AO ESTUDO DA TORÁ

© 2003 by Auro del Giglio

Textos em hebraico extraídos do livro TORÁ - A LEI DE MOISÉS

© 2001 by Editora e Livraria Sêfer Ltda.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.

Alameda Barros, 893 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil

tel.: (11) 3826-1366 fax: (11) 3826-4508 sefer@sefer.com.br

Livraria virtual: **www.sefer.com.br**

Produção, Projeto Gráfico,

Editoração e Edição Final

Edição de Textos

Revisão Final

Digitalização de Imagens

Capa

Fotolitos

Impressão e Acabamento

Jairo Fridlin

Betty Rojter

Giuliana Bastos

Dagui Design

Ivo Minkovicius

ERJ Informática

OESP Gráfica

capa: “Literature”, tempera and guache on canvas, Marc Chagall, 1920 (State Tretyakov Gallery, Moscow). Extraído do livro “Marc Chagall and the Jewish Theater”, Guggenheim Museum, New York, 1992.

Nota: Nas palavras transliteradas, adotou-se o “ch” para o som de “rr”, como **carro** em português.

איסור השגת גבול ידוע.

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa da Editora e Livraria Sêfer.

2003

ISBN 85-85583-52-5

Printed in Brazil

Dedicamos este livro
a nossos filhos
Eduardo e David
por ocasião de seu Bar-Mitsvá.

Que vocês possam se espelhar no
exemplo de nossos mestres
e conduzir suas vidas
plenas de valores judaicos,
de acordo com as nossas tradições.

Sandra e Auro del Giglio

התוכן

ÍNDICE

9	Prefácio
13	Introdução
19	1. O Comentário de Rashi <i>1ª Aliyá</i>
28	2. O Targum Onkelos <i>2ª Aliyá</i>
37	3. O Midrash <i>3ª Aliyá</i>
45	4. O Comentário de Nachmânides <i>4ª Aliyá</i>
52	5. O Comentário de Seferno <i>5ª Aliyá</i>
57	6. O Comentário de Hirsch <i>6ª Aliyá</i>
70	7. O Comentário de Leibovitz <i>7ª Aliyá</i>
84	8. A Haftará
103	Bibliografia



PREFÁCIO

A finalidade deste livro é facilitar ao leitor o estudo da Torá de acordo com a tradição judaica, revelando a atualidade de sua mensagem em cada geração desde os tempos do Midrash até os nossos dias. Segundo o judaísmo, a interpretação da Torá é um processo contínuo realizado por eminentes rabinos que fazem com que o texto sagrado, aparentemente cristalizado, seja adaptado à linguagem de cada época e mantenha seu papel de sinalizador espiritual do povo judeu.

Para demonstrar a perene atualidade deste texto, selecionamos um comentário representativo das diversas fases da história judaica, cada um deles escrito por um destacado sábio do período. Estes comentários são apresentados junto às sete subdivisões (*Aliyót*) da porção semanal (*Parashá*) de *Shofetim* (Juízes) do Deuteronômio, o quinto livro do Pentateuco.

No decorrer de todo o livro, o leitor encontrará o comentário completo de Rashi sobre a *Parashát Shofetim*, traduzido sentença por sentença para o português, por ser o mais famoso dos comentários da Torá e a melhor fonte para compreendermos o sentido textual (*Peshat*) das Escrituras Sagradas. Recomendamos que o leitor acompanhe o texto em hebraico, se possível, faça em seguida a leitura da tradução e, numa terceira etapa, se familiarize com o comentário correspondente escrito por Rashi e, só depois, leia o outro comentário que compõe o capítulo.

O leitor encontrará ainda notas explicativas cuja procedência é indicada como sendo do autor (ADG); das edições do comentário de Rashi traduzido para o inglês e publicado pela Editora Arts Scroll (YIZH) e do rabino A. M. Silbermann (AMS). A *Haftará* (porção suplementar) desta *Parashá* também foi incluída, assim como o comentário de Rashi correspondente e um comentário mais recente, escrito pelo rabino Mendel Hirsch.

A tradução do texto hebraico para o português é a do rabino Meir Matzliah Melamed, publicada na obra “Torá - A Lei de Moisés”, da Editora Sêfer.

O leitor poderá se perguntar por que escolhi a *Parashat Shofetim*. A razão é que sua leitura ocorre na mesma data do *Bar-Mitsvá* de meus filhos Eduardo e David, para quem escrevi este livro. Se meus filhos e outros leitores conseguirem extrair deste texto motivação e subsídios para embarcar no fascinante estudo da Torá, meu esforço estará plenamente recompensado.

São Paulo, Sivan de 5763, junho de 2003.

Auro del Giglio

*“A Lei (Torá) que nos ordenou Moisés,
herança é para a congregação de Jacob ”*

Deuteronômio 33:4

*“Lembraí-vos da Lei (Torá) de Moisés,
Meu servo, a quem ordenei, em Horeb,
estatutos e leis para todo o Israel ”*

Malaquias 3:22

הקדמה

INTRODUÇÃO

A NOSSA TORÁ

“Nosso Pai, Pai misericordioso que tem compaixão! Tem misericórdia de nós e dá aos nossos corações entendimento para compreender e discernir, perceber, apreender e ensinar, observar, praticar e cumprir todos os ensinamentos de Tua Torá com amor”

Bênçãos matutinas do *Shemá*, Sidur

Estamos há mais de 3000 anos falando sobre judaísmo. Isto, por si só, já é um milagre.

Milagre, porque não estamos falando sobre uma civilização que já desapareceu, como é o caso dos gregos, egípcios ou romanos que, apesar de seus conhecimentos científicos e artísticos, de seus princípios morais e éticos, sucumbiram e são, hoje, apenas matéria de interesse histórico. A realidade do judaísmo é outra. Em cada casa onde se acendem velas de *Shabat*, onde se faz um *Sêder de Pêssach* ou se pratica qualquer outra das *Mitsvot* (preceitos) a nós ordenadas, o judaísmo revive e desafia por mais uma geração o destino de tantas outras nações que desapareceram no tempo.

De onde vem esta força renovadora e indelével que nos permitiu sobreviver apesar das atribulações e sofrimentos pelos quais passamos ao longo da nossa história? A resposta é a Torá.

“Torá” significa para nós, judeus, os cinco livros de Moisés. O Pentateuco – Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio – é a parte inicial das Escrituras Sagradas, que também incluem Juízes, Profetas e demais livros (Salmos, Eclesiastes, Provérbios etc) que compõem o chamado “Antigo Testamento” (ver Tabela 1). A palavra Torá tem sido usada também para definir todo o conjunto do Velho Testamento; entretanto, para nós, neste livro, o termo se referirá exclusivamente ao Pentateuco.

O Pentateuco divide-se em 54 porções (“*perashiyót*” ou “*parashiyót*” no plural; “*perashá*” ou “*parashá*” no singular), lidas semanalmente a cada *Shabat* (sábado) na sinagoga. Ocasionalmente, duas *parashiyót* são lidas no mesmo *Shabat*. O título de cada *parashá* deriva da primeira ou da principal palavra de seu versículo inicial (ver Tabela 2) e cada *parashá* é dividida em sete partes – “*aliyót*” no plural; “*aliyá*” no singular. *Aliyá*, em hebraico, significa subir. De fato, para cada uma das *aliyót*, um indivíduo da comunidade é chamado para subir ao pódio (“*bimá*”), onde é feita leitura em voz alta e de forma cantada diretamente dos rolos de pergaminho da Torá. Os últimos versos da sétima *aliyá* são repetidos e designados a uma oitava pessoa, o “*Maftir*” (literalmente, “aquele que conclui”), que será incumbida de ler a *Haftará* – um trecho dos profetas cujo conteúdo tenha alguma ligação com os temas lidos naquela porção semanal do Pentateuco.

Foi Moisés quem estabeleceu que se deveria ler uma *parashá* da Torá nas manhãs de *Shabat* e trechos pertencentes à *parashá* seguinte durante o serviço matinal das segundas e quintas-feiras. O escriba Ezra (cerca de 356 a.e.c.) incluiu a leitura destes mesmos trechos também no serviço de sábado à tarde.

As subdivisões numéricas do texto bíblico em capítulos e versículos que aparecem nas edições modernas não são judaicas em sua origem e foram criadas na Idade Média.

ASPECTOS HISTÓRICOS

“Seria impossível convencer um grande número de indivíduos que o que eles viram é algo que eles realmente não viram. No caso da Revelação Divina, houve um consenso unânime que estes indivíduos viram Deus dando a Torá.”

Rabi Iehudá Halevi, em “O Cuzari”

* “O Cuzari”, Editora e Livraria Sêfer, São Paulo, 2003.

Recebemos a Torá no monte Sinai no ano 2448 do calendário judaico (1313 a.e.c.), há cerca de 3000 anos. Os judeus chegaram ao monte Sinai no segundo dia do mês de Sivan. No sexto dia de Sivan, os judeus ouviram os Dez Mandamentos (Êxodo 20:1) e, no sétimo dia de Sivan, Moisés subiu ao monte Sinai para receber as Tábuas da Lei que contêm o Decálogo (Êxodo 24:12). Acreditamos que a Torá foi ditada letra por letra, palavra por palavra, de Deus para Moisés, que as escreveu em um rolo de pergaminho. Portanto, os cinco livros de Moisés que constituem a Torá são a expressão exata da palavra de Deus. Acredita-se que tão logo terminava de escrever uma nova parte da Torá, Moisés adicionava-a às 12 cópias que escreveu para cada uma das 12 tribos do povo de Israel. A Torá contém, ao todo, 304.805 letras que compõem 79.976 palavras.

Desde então, a Torá é copiada em rolos de pergaminho pelas mãos de escribas qualificados (*“soferim”*), que obedecem a rigorosas regras garantindo a absoluta fidelidade ao manuscrito original e a ausência de erros. Esta prática milenar assegura a transmissão do texto bíblico de forma precisa, para que as gerações posteriores também possam tê-lo exatamente como nos foi legado por Moisés.

Veremos a seguir que isto é a base de muitos dos métodos interpretativos do texto bíblico que dependem, por exemplo, da justaposição de versículos ou de palavras específicas no texto, assim como de aparentes redundâncias. É interessante notar também que a cada letra do alfabeto hebraico corresponde um valor numérico. Assim, uma outra interessante técnica interpretativa tradicional depende da equivalência numérica das somas dos valores das letras que compõem as palavras do texto bíblico (*Guematria*). Se a ordem das palavras, a escolha das mesmas e sua exata grafia não tivesse origem Divina ou pudesse ser mudada ao longo das gerações, tais métodos de interpretação perderiam completamente seu fundamento.¹

1. Uma outra linha de evidência reforça a idéia de que o texto mosaico nos foi legado exatamente da forma como o conhecemos hoje. Recentemente, pesquisadores israelenses que estudavam o Pentateuco letra por letra, sem espaços entre as palavras, conseguiram, através de sofisticados *softwares*, encontrar determinados intervalos de letras (seqüências de letras equidistantes) de um novo código. Através deste novo código, por eles alcunhado de “Código da Bíblia”, novas mensagens podiam ser desvendadas dentro do próprio texto bíblico, incluindo a menção a eventos futuros – como é o caso da palavra *Chanucá*, que passou a representar a comemoração do levante dos Macabeus em 164 a.e.c., que se revoltaram contra o domínio grego sobre a Palestina – fato ainda não ocorrido por ocasião da escrita da Torá. A estes novos códigos foi aplicado um elaborado tratamento estatístico para verificar qual seria a probabilidade de sua ocorrência se tais achados

Juntamente com a Torá, Moisés recebeu de Deus a Lei Oral, que complementa a Torá e nos ensina como cumprir os mandamentos. Assim, por exemplo, a Torá nos ordena “guardar o sábado”. A exata natureza dos trabalhos proibidos no *Shabat*, entretanto, nos é dada pela Lei Oral. Sem ela, a maioria dos mandamentos que nos foram outorgados por Deus e que estão presentes na Torá seriam incompreensíveis face aos detalhes envolvidos em seu cumprimento na prática. Mais tarde, esta Lei Oral registrada de forma escrita no ano 3948 (186 a.e.c.) deu origem à “*Mishná*”. Posteriormente, em 500 a.e.c., o estudo da *Mishná* gerou debates e explicações nas academias rabínicas da Palestina e da Babilônia, cujo registro – associado a outros materiais de cunho histórico, moral, educativo etc. – gerou a “*Guemará*”. O conjunto formado pela *Mishná* e pela *Guemará* compõem o “*Talmud*”. O Talmud Babilônico (ou *Talmud Bavli*) contém a *Guemará* redigida pelos sábios das academias rabínicas da Babilônia, enquanto o Talmud de Jerusalém (“*Terushalmi*”, embora tenha sido escrito na cidade de Tibérias) contém a *Guemará* elaborada pelos sábios das academias de *Érets Israel*.

A Tabela 3 demonstra os eventos mais marcantes da história do povo judeu e do mundo e sua relação com a compilação das leis escrita (Torá) e oral.

TRADIÇÃO MASSORÉTICA

A transmissão do texto bíblico no tocante à sua vocalização (*Nicud*) e entonação (*Teamê Hamicra*) para leitura em público segue rigorosamente um conceito conhecido como “Tradição” (*Messorá*), transmitida de geração em geração por escribas e autoridades rabínicas. Inicialmente, este conhecimento era passado de forma oral, mas acabou sendo escrito e adicionado às cópias da

fossem devidos ao acaso. Estes pesquisadores encontraram probabilidades baixíssimas de que tais associações de letras a intervalos equidistantes fossem casuais, o que os levou a postular que houvesse uma coerência e um nível de organização muito maior e mais complexo do que o superficialmente aparente no arranjo letra por letra do texto da Torá. Esta pesquisa, conduzida por renomados investigadores no campo da matemática, estatística e informática, foi publicada na prestigiosa revista científica *Statistical Science (Statistical Science: A review Journal of the Institute of Mathematical Statistics*, vol. 9, número 3, agosto de 1994, págs. 429-438). O leitor interessado poderá encontrar uma acessível e detalhada descrição dos princípios estatísticos utilizados por estes investigadores, incluindo alguns dos resultados destas interessantes pesquisas, no livro de Jeffrey Satinover, “A Verdade por trás do Código da Bíblia” (Editora Pensamento, São Paulo, 2000).

Torá destinadas exclusivamente para estudo – uma vez que não se pode adicionar nada ao texto presente nos rolos de pergaminho da Torá –, na forma de notas nas margens laterais e de sinais para entonação situados acima das letras do texto bíblico. Assim, esta tradição massorética foi cristalizada e transmitida até os nossos dias. Da mesma forma, no próprio texto sagrado da Torá, a distribuição do texto bíblico, assim como as formas das letras e dos espaçamentos entre elas, também deriva desta mesma tradição.

TRADUÇÕES DA TORÁ

A tradução da Torá para o aramaico, língua dominante entre os judeus durante o domínio persa sobre Érets Israel (586-330 a.e.c.), é denominada “*Targum*”, palavra que significa tradução em aramaico. A mais respeitada destas traduções para o aramaico é o “*Targum Onkelos*”. Segundo a tradição, Onkelos, contemporâneo do Rabi Akiva, foi um prosélito que viveu no segundo século da era comum. Seus mestres teriam sido os rabinos Eliezer ben Hircanus e Iehoshua ben Chanania. O Talmud (*Meguilá* 3a) relata que Onkelos compilou sua tradução da Torá para o aramaico sob a supervisão de seus dois professores. Naquela época, a Torá era lida nas sinagogas primeiramente em hebraico e, em seguida, traduzida verso a verso para o aramaico por um tradutor (“*Meturgeman*”), de modo que as massas pudessem entender a leitura das Escrituras Sagradas. Durante o estudo da porção semanal da Torá, nossos sábios recomendavam que se lesse a versão hebraica, seguida da parte correspondente do *Targum Onkelos* e, novamente, a versão em hebraico que, assim, era estudada duas vezes.

A tradução de Onkelos não é absolutamente literal, apesar de ser das traduções para o aramaico a que provavelmente mais se aproxima do original hebraico. Várias das aparentes discrepâncias entre o texto hebraico e o texto do *Targum Onkelos* ilustram o entendimento das autoridades rabínicas da época, constituindo-se assim em uma das mais antigas fontes de exegese bíblica. Como veremos adiante, muitos dos futuros exegetas, entre eles o próprio Rashi, utilizaram-se do *Targum Onkelos* para fundamentar algumas de suas interpretações.

Posteriormente, a Torá foi traduzida para o grego (Septuaginta), para o latim (Vulgata) e demais idiomas, tendo por base na maior parte das vezes edições baseadas na versão grega ou latina, o que distanciou muito o texto do original hebraico.

INTERPRETAÇÃO DA TORÁ

A IMPORTÂNCIA DO HEBRAICO

O hebraico é uma língua conceitual. Tomemos por exemplo a palavra “*Tsedacá*”. Em hebraico, ela significa ao mesmo tempo “caridade” e “justiça”. Daí, podemos apreender uma lição: fazer caridade é, de fato, praticar um gesto de justiça social. Tal correlação não seria possível sem o uso do hebraico para o estudo da Torá. Portanto, baseando-se no estudo das raízes de palavras individuais, assim como das várias palavras que compõem os versos da Torá, inúmeros outros níveis de compreensão do texto são explorados pelos vários exegetas. Desta forma, a tarefa de interpretar a Torá não tem fim, permitindo a sábios de diversas gerações encontrarem continuamente novos significados originais para o texto e, assim, guiarem nosso povo espiritualmente ao longo da história.

Deduzimos, portanto, que é fundamental estudar a Torá no original hebraico ou, no mínimo, com o texto original ao lado e usar uma tradução feita de acordo com a leitura clássica do texto bíblico, conforme ensinado por nossos sábios. Somente desta forma poderemos entender as explicações sugeridas pelos vários comentadores judeus de todos os tempos.

NÍVEIS DE INTERPRETAÇÃO

O texto da Torá pode ser interpretado em quatro níveis distintos: “*Peshat*”, “*Rémez*”, “*Derash*” e “*Sod*”, cujas iniciais compõem a palavra hebraica “*Pardes*”, que significa “pomar”.

Peshat corresponde ao nível de interpretação mais básico, ou o significado textual. Este nível de entendimento é fundamental para o aprofundamento do estudo e a compreensão do texto nos outros níveis de interpretação. Segundo nossos sábios, nenhuma interpretação das Escrituras deve ignorar o nível textual (*Peshat*). *Derash* corresponde ao nível homilético, utilizado em discursos rabínicos de todas as épocas com o propósito de sensibilizar suas comunidades. Geralmente, os exegetas procuravam explorar a relevância de mensagens presentes no texto bíblico para um determinado momento histórico vivido por sua geração. As interpretações da Torá nos níveis de *Peshat* e *Derash* foram muito mais difundidas devido à sua acessibilidade e compreensão pela maior parte da população. Já as interpretações baseadas

no *Rémez* (que corresponde ao nível simbólico) e *Sod* (relativo ao nível místico e cabalístico) são bem menos difundidas.

O rabino Hilel (20 a.e.c.-20 e.c.) elaborou sete regras de interpretação (ou derivação) que foram expandidas para 13 pelo rabino Ishamel (primeira metade do segundo século da era comum) e, posteriormente, para 32 por seu contemporâneo, o rabino Eliezer. A aplicação destas regras resultou numa série de leis ("*Halachot*") presentes nos livros "*Mechilta*", "*Sifri*" e "*Sifra*", que compõem a literatura midráshica jurídica, conhecida como "*Midrash Halachá*".² Já uma série de conteúdos de natureza não legal, mas sim homilética e alegórica (simbólica), também baseados no Pentateuco, encontram-se na literatura midráshica denominada "*Midrash Agadá*", em livros como o "*Midrash Rabá*", "*Pessicta*" e "*Tanchumá*".

Para a interpretação textual (*Peshat*) do texto bíblico, há algumas "chaves de interpretação" utilizadas pelos vários exegetas ao longo das gerações. Algumas destas chaves são descritas pelo rabino Bonchek em seu excelente livro "*Studying the Torah: a Guide to In-Depth Interpretation*". Segundo o rabino Bonchek, elas se baseiam na relação de uma determinada palavra ou versículo com:

- 1) O contexto de um determinado trecho bíblico no qual se encontra;
- 2) As porções do texto bíblico que lhe são contíguas;
- 3) Outras porções semelhantes do texto da Torá.

Repetições de palavras gerando aparentes redundâncias, bem como a ordem na qual aparecem as palavras no texto são também analisadas cuidadosamente com vistas a revelar novas interpretações textuais, pois, como vimos acima, acredita-se que todas as palavras presentes na Torá e a ordem na qual aparecem no texto são as mesmas que foram dadas por Deus a Moisés no Sinai. Quando duas ou mais alternativas de interpretação são possíveis, costuma-se optar pela mais simples, aquela que possa explicar um maior número de dificuldades do texto. Teremos a oportunidade de conhecer algumas destas chaves no decorrer deste livro.

OS EXEGETAS

Do que vimos acima, podemos perceber que a primeira fonte de interpretação do texto bíblico nos foi dada pelos sábios que compilaram o

2. Uma descrição mais detalhada destas regras de derivação encontra-se no livro "Iniciação ao Talmud" (Editora e Livraria Sêfer, São Paulo, 2000).

TABELA 1
OS 24 LIVROS DO TANACH
(ANTIGO TESTAMENTO)

Pentateuco (Torá)

1. Gênesis (Bereshit)
2. Êxodo (Shemot)
3. Levítico (Vayicrá)
4. Números (Bamidbar)
5. Deuteronômio (Devarim)

Profetas (Neviím)

6. Josué
7. Juízes
8. Samuel
9. Reis
10. Isaías
11. Jeremias
12. Ezequiel
13. Os 12 Profetas
 - a) Oséias, b) Joel, c) Amos, d) Ovadia, e) Jona, f) Micá
 - g) Naum, h) Habakuk, i) Zefanias, j) Hagai, k) Zacarias
 - l) Malaquias

Escrituras (Ketuvim)

14. Salmos
15. Provérbios
16. Job
17. Cântico dos Cânticos
18. Ruth
19. Lamentações
20. Eclesiastes
21. Ester
22. Daniel
23. Ezra-Nehemias
24. Crônicas

TABELA 2

DIVISÃO SEMANAL DO PENTATEUCO

Bereshit (Gênesis)

- a) Bereshit
- b) Nôach
- c) Lech Lechá
- d) Vaierá
- e) Chaiê Sará
- f) Toledot
- g) Vaietsê
- h) Vayishlach
- i) Vaieshev
- j) Mikêts
- k) Vayigásh
- l) Vaichi

Shemot (Êxodo)

- a) Shemot
- b) Vaerá
- c) Bó
- d) Beshalách
- e) Yitró
- f) Mishpatim
- g) Terumá
- h) Tetsavê
- i) Ki Tissa
- j) Vaiaç'hel
- k) Pecudê

Vayicrá (Levítico)

- a) Vayicrá
- b) Tsav
- c) Shemini
- d) Tazría

- e) Metsorá
- f) Acharê
- g) Kedoshim
- h) Emór
- i) Behar
- j) Bechucotai

Bamidbar (Números)

- a) Bamidbar
- b) Nassó
- c) Behaalotechá
- d) Shélach
- e) Côrach
- f) Chucat
- g) Balac
- h) Pinechás
- i) Matót
- j) Mas'ê

Devarim (Deuteronômio)

- a) Devarim
- b) Vaetchanán
- c) Ékev
- d) Reê
- e) Shofetim
- f) Ki Tetsê
- g) Ki Tavô
- h) Nitsavim
- i) Vaiêlech
- j) Haazínu
- k) Vezot Haberachá

DATAS E EVENTOS SIGNIFICATIVOS DA HISTÓRIA JUDAICA E MUNDIAL

Calendário Judaico	Calendário Comumde	Os 5 livros Moisés	Eventos marcantes da história judaica	Eras históricas correspondentes
0	3761 AEC	Gênesis 0 - 2309		Era do Carvão3716-3100 AEC
250	2511 AEC			
500	3261 AEC			Era do Bronze 3100-1200 AEC
750	3011 AEC			
1000	2761 AEC			
1250	2511 AEC			
1500	2261 AEC		Dilúvio 1656	
1750	2011 AEC		Patriarcas 1948-2255	
			Torre de Babel 1996	
2000	1761 AEC			
2250	1511 AEC	Êxodo 2332-2448	Êxodo 2448 / Torá no Sinai 2448	
		Levítico 2449		
		Números 2449-2488	Profetas e Escrituras 2488 - 3220	
		Deuteronômio 2488	San'hedin 2448-4120	Era do Ferro 1200-586 AEC
2500	1261 AEC			
2750	1011 AEC		Construção do Primeiro Templo 2928	
3000	761 AEC			Império Persa 586-330 AEC
3250	511 AEC		Destruição do Primeiro Templo 3338	
			Construção do Segundo Templo 3408	Império Helenista 330-63 AEC
3500	261 AEC			
			Destruição do Segundo Templo 3838	Império Romano 63 AEC-395 EC
3750	11 AEC		Mishná 3948	
4000	239 EC			Império Bizantino 395-1453 EC
4250	489 EC		Talmud Babilônico 4260	Império Muçulmano 632-1300 EC
4500	739 EC			
4750	989 EC			
5000	1239 EC			Império Otomano 1300-1918 EC
5250	1489 EC			
5500	1739 EC		Shulhan Aruch 5316	
5750	1989 EC			Israel 1948

Talmud (“*Tanaim*” e “*Amoraim*”), as quais estão presentes tanto no texto talmúdico propriamente dito (*Mishná* e *Guemará*) quanto na literatura midráshica (*Midrash Agadá* e *Midrash Halachá*) e na “*Beraita*” e na “*Tossefta*”, que são textos adicionais não incluídos no Talmud ou no Midrash.

A seguir, destacam-se os comentários dos “*Gueonim*”, eruditos líderes das academias rabínicas babilônicas e de outros renomados centros de estudos judaicos. Entre os comentários dos *Gueonim*, destacam-se os do rabino Saádia Gaon (882-842), Ibn Ezra (1089-1164), Rashi (1040-1105), Baal Haturim (1270-1343), Nachmânides (1194-1270) e Efraim Salomon ben Aaron de Luntshits (1550-1619), autor do comentário “*Keli Iacar*”. O comentário de Rashi é o mais famoso por sua concisão, simplicidade e clareza, como veremos adiante.

No período moderno, destacamos os comentários dos rabinos Seforno (1470-1550), Malbim (1809-1879), Hirsch (1808-1888) e, mais recentemente, da erudita Nehama Leibovitz (1905-1997). Nos próximos capítulos, conheceremos alguns dos comentários destes luminares.

A ESTRUTURA DE UMA EDIÇÃO CLÁSSICA DA TORÁ

Durante os últimos séculos, foram impressas inúmeras edições da Torá. Nelas, o texto bíblico sempre vem acompanhado de seus comentários mais elucidativos e famosos, feitos por vários sábios das gerações passadas, além das antigas traduções para o aramaico (“*Targum*”). A Figura 1 ilustra uma destas edições clássicas da Torá em hebraico, denominada “*Micraot Guedolot*”, que contém alguns dos comentários mais consagrados. Apesar do título “*Micraot Guedolot*” ter se mantido até hoje em várias das edições mais modernas da Torá em hebraico, a primeira delas data de 1516 e foi elaborada em Veneza pelo editor cristão Daniel Bomberg.

Além do Targum Onkelos e dos exegetas Rashi, Ramban e Seforno, a Figura 1 traz os seguintes comentaristas:

Toldot Aharon: comentário do século 16, escrito por Aaron de Pesaro, abastado negociante italiano que se baseia nas passagens da Bíblia citadas no Talmud Babilônico.

Siftê Chachamim: comentário explicativo ao comentário de Rashi, escrito por Shabetai Bass (1641-1718).

Abraham Ibn Ezra: (1089-1164) poeta, gramático, médico, filósofo, astrônomo e comentarista bíblico espanhol.

Avi Ezer: comentário do século 18, escrito por Shlomo Hachohen de Lissa sobre o Ibn Ezra.

